



“ – Já passamos o Éden”: Machado de Assis e a Abertura de Caminhos para uma Agência Animal Compartilhada no Brasil

Nelson Aprobato Filho ¹

RESUMO

O escritor brasileiro Machado de Assis (1839-1908) dedicou parte de sua complexa obra para discutir as relações entre o ser humano e os outros animais. Muitas dessas discussões estão relacionadas, de forma profundamente crítica, aos principais movimentos socioculturais, político-econômicos, científico-tecnológicos e ecológico-ambientais do período. Por meio da escrita literária, elaborou importantes reflexões sobre os limites e contingências da condição humana e animal, abrindo caminhos para explorar o complexo campo da História dos Animais no Brasil. Entre centenas de registros machadianos sobre animais (em romances, contos, peças teatrais, poemas e crônicas de jornal), neste artigo procura-se destacar os escritos nos quais o autor abordou a agência animal, as subjetividades e as idiossincrasias desses seres. Busca-se também discutir de que forma esses textos apontam e estão inseridos nas discussões sobre proteção animal no Brasil nas últimas décadas do século XIX. Os animais em Machado de Assis são mais do que metáforas. Em diversas ocasiões, eles são protagonistas e agentes da história e de suas próprias histórias, que são compartilhadas com a história do escritor e com as histórias de seus leitores.

Palavras - chave: história dos animais; agência animal; proteção animal; Machado de Assis.

¹ Doutor em História (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). Pesquisador integrante no Centro de Estudos dos Animais (CEA), UFMG-CNPq e no Grupo de Pesquisa Trilhas e circuitos do riso no espaço público brasileiro: comediantes, humoristas e pensadores (1880-1960), USP-CNPq; Pesquisador associado no Laboratório de História da Cultura Sonora, USP, e Pesquisador Residente na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM-USP), Brasil. ORCID: 0000-0002-3780-3590. E-mail: aprobatofilho@gmail.com

Em 1880, no capítulo “O delírio”, do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis escreveu:

Insinuei que deveria ser muitíssimo longe; mas o hipopótamo não me entendeu ou não me ouviu, [...]. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas tais ou quais cócegas de curiosidade, por saber onde ficava a origem dos séculos, [...]. Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra-me só que a sensação de frio aumentava com a jornada, e que chegou uma ocasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com efeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava numa planície branca de neve, [...]. Tentei falar, mas apenas pude grunhir esta pergunta ansiosa:

– Onde estamos?

Assim indagado, ao invés de responder o ponto exato no qual estavam durante aquela vertiginosa viagem em direção ao início dos tempos, o hipopótamo que conduzia o protagonista da história opta por misteriosamente dizer: “ – Já passamos o Éden”. A única parada, foi a derradeira. Nela, Brás Cubas encontra sua segunda interlocutora. Após breve momento de espanto ante a figura de uma mulher que “tinha a vastidão das formas selváticas”, estupefato pergunta-lhe quem era: “– Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga”. Depois de um diálogo marcado por apreensões de Cubas, Natureza arrebatou-o para o alto de uma montanha: “Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, ao longe, através de um nevoeiro, uma coisa única. Imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos impérios, a guerra dos apetites e dos ódios, a destruição recíproca dos seres e das coisas.”²

“O Delírio”, além de representar um importante registro para refletir sobre os complexos campos da História Ambiental e da História dos Animais, pode também ser entendido como um preâmbulo e apólogo para entabular um diálogo entre os escritos de Machado de Assis sobre animais e a oportuna proposta do presente dossiê. Nessa proposta, nós, animais humanos, somos indagados a pensar sobre “o ponto onde

² Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*. In: Idem. *Obra Completa em 4 volumes*, Volume I, Aluisio Leite; Ana Lima Cecilio; Heloisa Jahn (org.) (Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008), Capítulo VII – O Delírio, pp. 632-6.

estamos” com nossas pesquisas sobre a História dos Animais na América Latina e no Caribe.

Particularmente sobre o Brasil, se retornássemos à “origem dos séculos” da história do país e, de lá, pudéssemos observar a marcha da História dos Animais, veríamos uma situação paradoxal e, ao mesmo tempo, instigante. Se olhássemos, como Brás Cubas, “para uma das vertentes”, poderíamos dizer que ingressamos, mesmo que timidamente, dado o pequeno número de historiadores que se dedicam ao tema, nesse promissor campo historiográfico. Se olhássemos para uma segunda vertente, que compreende a produção historiográfica brasileira em sua totalidade, nos depararíamos com inúmeras obras nas quais a presença dos animais é sintomática, mas está em segundo plano e não faz parte dos objetivos das pesquisas. Por fim, se olhássemos para uma terceira vertente, nela estariam uma grande quantidade de temáticas inéditas, de questões pendentes e de fontes primárias disponíveis.³

A pergunta feita por Brás Cubas ao hipopótamo é um questionamento que perpassa grande parte dos escritos machadianos. Seus leitores, historiadores ou não, são frequentemente desafiados a pensar nas situações de estranhamento criadas por Machado de Assis nas quais essa questão fica em suspenso: “Onde estamos?”. No complexo mundo criado pelo escritor, parte das situações que causam maior estranhamento e, conseqüente, muitos questionamentos, são aquelas estabelecidas a partir das relações entre o ser humano e os outros animais.⁴ Sua obra é povoada por animais e essa zoologia machadiana contribui, por meio de uma abordagem histórica e interdisciplinar, tanto para analisar a história do período, quanto para refletir sobre a escrita de uma História dos Animais no Brasil em suas dimensões socioculturais,

³ Em 2019 a historiadora Regina Horta Duarte publicou um balanço sobre o campo da História dos Animais no Brasil lançando promissoras bases para a história dessa historiografia. Regina Horta Duarte, “História Dos Animais no Brasil: Tradições Culturais, Historiografia e transformação”, *Historia Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC) Revista De La Solcha*, v. 9, n. 2, (2019), pp.16-44. Disponível em: <https://doi.org/10.32991/2237-2717.2019v9i2.p16-44>, acessado em 8/5/2024. Duarte é fundadora e coordenadora do primeiro grupo de pesquisa em História dos Animais no Brasil, “Centro de Estudos dos Animais – CEA” (UFMG-CNPq) e autora de diversos trabalhos na área como: Regina Horta Duarte, “Pássaros e cientistas no Brasil: Em busca de proteção, 1894-1938”, *Latin American Research Review*, v. 41, n. 1, (2006), pp. 3-26. Em minhas pesquisas tenho investigado a História dos Animais desde o trabalho de doutoramento, defendido no Departamento de História da USP em 2007 e que contou com o apoio de bolsas FAPESP (Processo 03/00206-6). Nelson Aprobato Filho, “O couro e o aço: sob a mira do moderno, a “aventura” dos animais pelos “jardins” da Paulicéia, final do século XIX, início do XX”, (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Brasil, 2007.)

⁴ Para Carlo Ginzburg, o estranhamento é um “processo literário que transforma uma coisa familiar – um objeto, um comportamento, uma instituição – numa coisa estranha, insensata, ridícula”. Carlo Ginzburg, *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*, Trad. Rosa Freire d’Aguir e Eduardo Brandão (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), p. 116. Agradeço ao professor e historiador Elias Thomé Saliba a indicação, em 2007, dessa obra de Ginzburg e das relações que o autor faz entre estranhamento e animais não humanos.

político-econômicas, científico-tecnológicas e ecológico-ambientais.⁵ Do ponto onde estamos nessa discussão, uma dimensão ainda pouco explorada pela historiografia é aquela que procura colocar em diálogo esses aspectos e a questão da agência animal a partir de textos literários, como os de Machado de Assis. Este artigo tem por objetivo rastrear alguns caminhos nessa direção.

A historiadora Harriet Ritvo sugere que a dimensão teórica é a mais complexa e de difícil apreensão no campo da História dos Animais, com destaque para as questões relacionadas à agência animal e às consequências da representação e do antropomorfismo.⁶ Nesse sentido, um dos principais desafios tem sido trabalhar principalmente com documentos primários produzidos por seres humanos, portanto representações sobre outras espécies. Uma forma promissora de nuançar esses dilemas talvez seja conceber e analisar essas fontes, conforme indica Carlo Ginzburg retomando Auerbach, “não como documentos históricos, mas como textos entranhados de história”.⁷ Outra abordagem, também bastante promissora, para pensar tanto a História dos Animais quanto a agência animal a partir de registros literários e por meio de investigações históricas e interdisciplinares, incluindo o protagonismo animal não humano nos “textos entranhados de história”, é a apontada por Diogo de Carvalho Cabral e André Vasques Vital. Baseando-se, entre inúmeros outros autores, em Ewa Domanska, eles propõem que “los animales no humanos son al mismo tiempo productos y participantes de las cointerpretaciones corpóreas de la escritura, lo que hace de los documentos estructuras sobrevivientes de conversaciones entre varias especies de organismos”.⁸ Nessas perspectivas pode-se argumentar que nossa intrínseca condição animal pode nos auxiliar a vislumbrar brechas importantes para o exercício de análise

⁵ Entre 2011 e 2015 durante a realização de estágio de Pós-Doutorado (História-FFLCH-USP/FAPESP-Processo 10/52646-3) desenvolvi a pesquisa “Ideias de cachorro, poeira de ideias” e outras percepções. A importância dos animais no complexo mundo de Machado de Assis”. Parte dessa pesquisa, “Impacts of science and technology in the relations between man and animals, United States and England (1850-1910): bibliographical and documentary subsidies for deepening and analysis of the importance of animals in Rio de Janeiro and in Machado de Assis”, foi realizada no MIT (de 05/2013 a 04/2014 BEPE-FAPESP Processo 12/20891-4). O Relatório Científico final ficou dividido em dois volumes. O primeiro apresenta os resultados da análise histórica e interdisciplinar realizada, que colocou em diálogo a obra completa do escritor, fontes primárias diversas e referências bibliográficas. No segundo, intitulado “A Arca de Machado de Assis”, foram organizados e diagramados 122 textos completos do escritor sobre animais e 2527 fragmentos agrupados alfabeticamente, numa espécie de dicionário, em 243 espécies de animais. “A Arca de Machado de Assis” tem 1182 páginas.

⁶ Harriet Ritvo, Chapter Epilogue. In: Hilda Kean, Philip Howell (Eds.), *The Routledge Companion to Animal-Human History*. (New York, N.Y.: Routledge, 2018).

⁷ Carlo Ginzburg, *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*, (2007), p. 11.

⁸ Diogo de Carvalho Cabral; André Vasques Vital, Las fuentes escritas a luz de la noción de coautoría humano-animal. In: Pedro Sergio Urquijo Torres; Adi E. Lazos; Karine Lefebvre. (Org.), *Historia ambiental de América Latina: enfoques, procedimientos y cotidianidades* (Morelia: Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones en Geografía Ambiental, 2022), pp. 275-293, citação p. 276.

e compreensão da história e da agência dos animais. Trilhando as pistas levantadas por Cabral e Vital, principalmente quando destacam um processo judicial que envolveu insetos que devastaram vinhedos em um povoado francês no século XVI, textos como “Os vermes”, capítulo do romance *Dom Casmurro* de Machado de Assis, podem ser elucidativos para pensar o protagonismo animal na escrita humana:

“Ele fere e cura!”. Quando, mais tarde, vim a saber que a lança de Aquiles também curou uma ferida que fez, tive tais ou quais veleidades de escrever uma dissertação a este propósito. Cheguei a pegar em livros velhos, livros mortos, livros enterrados, a abri-los, a compará-los, catando o texto e o sentido, para achar a origem comum do oráculo pagão e do pensamento israelita. Catei os próprios vermes dos livros, para que me dissessem o que havia nos textos roídos por eles.

– Meu senhor, respondeu-me um longo verme gordo, nós não sabemos absolutamente nada dos textos que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos; nós roemos.

Não lhe arranquei mais nada. Os outros todos, como se houvessem passado palavra, repetiam a mesma cantilena. Talvez esse discreto silêncio sobre os textos roídos fosse ainda um modo de roer o roído.⁹

Não menos importantes, nos níveis local e global, têm sido os diálogos entre História dos Animais e outros campos da historiografia, como a História Ambiental, a História Social e da Cultura e a História da Ciência e da Tecnologia. Contudo, uma das tendências mais desafiadoras para os estudos em História dos Animais são as possibilidades transdisciplinares e interdisciplinares de análise. Um autor, nesse sentido, bastante sugestivo é o historiador norte-americano John Lewis Gaddis, principalmente em seu livro *Paisagens da História*.¹⁰ Nas primeiras páginas do trabalho, lembra que Marc Bloch e Edward Hallett Carr já haviam previsto, em meados do século XX, “alguns desenvolvimentos nas ciências físicas e biológicas que aproximaram essas disciplinas do trabalho realizado ao longo do tempo pelos historiadores”. Segundo Gaddis, eles acreditavam na “convergência do método histórico com aqueles das

⁹ Diogo de Carvalho Cabral; André Vasques Vital, Las fuentes escritas a luz de la noción de coautoría humano-animal, pp. 281-2. Machado de Assis, *Dom Casmurro*. In: Idem. *Obra Completa em 4 volumes*, Volume I, pp. 948-9.

¹⁰ John Lewis Gaddis, *Paisagens da História. Como os historiadores mapeiam o passado*, Trad. Marisa Rocha Motta, (Rio de Janeiro: Campus, 2003).

ciências chamadas exatas”.¹¹ Além de demonstrar várias dimensões dessa convergência – tratando de temas que vão da teoria da evolução às teorias do caos e da complexidade – afirma de maneira bastante inovadora e provocativa que o trabalho do historiador está muito mais próximo daqueles desenvolvidos pelos cientistas naturais do que necessariamente de áreas aparentemente mais imediatas. “As comparações”, sugere Gaddis,

[...] poderiam esclarecer as formas de interação com outras disciplinas. As similaridades temáticas não necessariamente implicam similaridades metodológicas, uma questão que Bloch e Carr tentaram formular ao enfatizar a compatibilidade entre os métodos dos historiadores e dos cientistas naturais. O problema é que as ciências sociais, nas quais os modelos estáticos são ainda valorizados e a evolução é quase sempre vista como um incômodo confuso, podem não ser um campo ideal para os historiadores buscarem as analogias que os ajudariam em suas definições.¹²

A essência que fundamenta e dá forma ao “objeto” central da História dos Animais (que são os animais não humanos) ou, numa perspectiva teórico-metodológica mais ampla, aquela que propõe abordagens a partir da proposta de uma História das Relações entre o Ser Humano e os Outros Animais (aqui os “objetos” centrais seriam todos os animais), ambas perspectivas são intrinsecamente infiltradas pelos domínios das ciências naturais, particularmente da Biologia, Zoologia, História Natural, Paleontologia e Primatologia.

Não menos significativas para pensar as complexidades da História dos Animais, assim como a problemática central que norteia este artigo, ou seja, aquela que relaciona agência animal compartilhada, linguagens e comportamentos animais (humanos e não humanos) são as proposições do também historiador Felipe Fernández-Armesto. Em seu livro *Então você pensa que é humano?* ele aponta para um campo de pesquisa bastante inovador:

Durante os últimos trinta ou quarenta anos, temos investido muitos pensamentos, emoções, riqueza e sangue no que chamamos valores humanos,

¹¹ Idem, p. 11.

¹² Idem, p. 68.

direitos humanos, a defesa da dignidade humana e da vida humana. Ao longo do mesmo período, silenciosa mas devastadoramente, a ciência e a filosofia se combinaram para solapar o nosso conceito tradicional de humanidade. Conseqüentemente, a coerência de nosso entendimento do que significa ser humano está agora em discussão. E se o termo “humano” é incoerente, o que acontecerá com os valores humanos? A humanidade está em perigo: não pela ameaça familiar da destruição em massa e da devastação ecológica, mas por uma ameaça conceitual.¹³

O fragmento citado acima poderia ser utilizado como uma epígrafe para a reunião dos principais escritos de Machado de Assis sobre animais. Nesse caso, a literatura machadiana se uniria à ciência e à filosofia para também “solapar o nosso conceito tradicional de humanidade”. Para o historiador, o desafio tem vindo de seis fontes que considera principais: a primatologia, a paleoantropologia, a biologia, o movimento dos direitos dos animais, a inteligência artificial e a genética.¹⁴ Conforme Fernández-Armesto, a primatologia tem, nos últimos anos, descoberto inúmeras evidências para comprovar as semelhanças entre o ser humano e outros primatas. Pesquisas nesse campo têm confirmado a exatidão e profundidade das hipóteses do autor acerca dessa “revolução” conceitual, revolução que, em muitas dimensões, pode contribuir também para “revolucionar” o ainda relativamente pequeno mundo historiográfico (principalmente no Brasil) da História dos Animais e, principalmente, da história da agência animal.

Primatologistas que muito contribuíram para as descobertas apontadas por Fernández-Armesto e outras descobertas são Jane Goodall e Frans de Waal. Os resultados de suas pesquisas têm alterado de forma radical as percepções do ser humano sobre os outros animais. Do cientista holandês, por exemplo, dois livros abrem caminhos inusitados para uma reflexão mais ampla que inclui a História dos Animais e a agência animal. Em *Our inner ape. A leading primatologist explains why we are who we are*, publicado em 2005, o autor investiga os paralelos entre o comportamento dos primatas e os nossos próprios comportamentos: “What’s perhaps most significant

¹³ Felipe Fernández-Armesto, *Então você pensa que é humano?: uma breve história da humanidade*, Trad. Rosaura Eichenberg (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), p. 9.

¹⁴ Idem, p. 9-13. Outro livro de Fernández-Armesto bastante instigante para refletir sobre a História dos Animais e as relações desta com o código literário é: Felipe Fernández-Armesto, *Verdade. Uma história*, Trad. Beatriz Vieira. (Rio de Janeiro: Record, 2000). Nesse trabalho, inclusive, o autor apresenta diversas ilações e referências sobre os animais não humanos.

about this research is not what apes reveal about our instinctual side. [...] What we compare, therefore, are the ways in which humans and apes handle problems through a combination of natural tendencies, intelligence, and experience”.¹⁵ Waal explora, entre diversos outros aspectos dessa comparação, a “capacidade agressiva” e a “tendência à empatia” presentes tanto no ser humano, como nos primatas. Embora as duas características são importantes para pensar uma possível agência animal compartilhada a partir da obra de Machado de Assis, uma tendência comportamental tem destaque nas contribuições do autor, ou seja, a noção de empatia, ou o “instinto de compaixão”, que está presente nas relações entre indivíduos, sejam eles da mesma espécie ou não. Para Waal,

The possibility the empathy is part of our primate heritage ought to make us happy, but we're not in the habit of embracing our nature. When people commit genocide, we call them “animals”. But when they give to the poor, we praise them for being “humane”. We like to claim the latter behavior for ourselves. It wasn't until an ape saved a member of our own species that there was a public awakening to the possibility of nonhuman humanness.¹⁶

Essas e inúmeras outras reflexões sobre empatia foram aprofundadas por Waal em seu livro *The age of empathy. Nature's lesson for a kinder society*, lançado em 2009.¹⁷ Machado de Assis, em muitos registros que produziu um século antes das descobertas de cientistas como Wall, demonstra uma profunda empatia para com outras espécies de animais. Essa empatia machadiana, como a que envolveu um de seus personagens maiores, o cão Quincas Borba, pode contagiar seus leitores, sejam eles historiadores dos animais ou não.

A ideia de uma possível agência animal compartilhada pode ainda buscar inspiração em zoólogos como Edward O. Wilson. Baseado em sua experiência como naturalista, Wilson alertou sobre a não existência de um planeta B para a sobrevivência das formas de vida que estão coevoluindo no meio ambiente da Terra. Foi a singularidade ambiental do planeta que possibilitou a também singular e complexa

¹⁵ Frans de Waal. *Our Inner Ape. A Leading Primatologist Explains Why We Are Who We Are*. New York: Riverhead Books, 2005, p. 40.

¹⁶ Idem, p. 3.

¹⁷ Frans de Waal, *The age of empathy. Nature's lesson for a kinder society*, (New York: Harmony Books, 2009).

coevolução. Portanto, a única opção seria a religação natural entre as espécies que ainda restam no ambiente terrestre.¹⁸ Essa “religação natural”, aventamos dizer, também poderia se fortalecer por meio de uma possível (co)agência animal.¹⁹

Inspiração também oportuna pode ser encontrada em pesquisas como as da antropóloga Barbara King que analisa, por vários ângulos, a enorme significância das relações estabelecidas entre o ser humano e as outras espécies de animais que o cercam. A partir de uma abordagem que vai da análise das pinturas rupestres aos impactos contemporâneos da tecnologia, da religião à vida cotidiana, o objetivo principal de King foi demonstrar que a evolução da ideia que nos faz sentir humanos é um resultado direto da nossa milenar relação com os outros animais.²⁰ Outro livro da mesma pesquisadora que pode contribuir para a construção de uma história interdisciplinar da agência animal compartilhada é o resultado de sua tese de doutorado publicado em 1994 e intitulado *The information continuum: evolution of social information transfer in monkeys, apes, and hominids*.²¹ Nele, a autora confronta a ideia de singularidade humana – defendida por alguns antropólogos, psicólogos, linguistas e escritores de livros de divulgação científica – com as descobertas feitas por primatologistas e etólogos. As certezas apresentadas pelos primeiros são, segundo King, constantemente desmentidas depois de alguns anos de pesquisa. Vários elementos que eram considerados provas das singularidades humanas, como, por exemplo, o uso da linguagem e a capacidade para a fabricação de ferramentas, foram um a um sendo refutados por renomados cientistas como Frans de Waal.

Anteriores, contemporâneos e posteriores à literatura machadiana sobre os animais não humanos são os estudos acerca das capacidades de raciocínio dessas criaturas. Cientistas como os citados acima, entre inúmeros outros, abordaram essa importante questão. Direta e indiretamente muitos textos de Machado de Assis sobre animais entabulam diálogos com aspectos específicos do raciocínio animal e desses

¹⁸ Edward O. Wilson, *The Creation. An Appeal to Save Life on Earth*, (New York; London: W. W. Norton & Company, 2006). A esse respeito, no Brasil, ver também o recente livro de Mauro Galetti, *Um naturalista no antropoceno – um biólogo em busca do selvagem*, (São Paulo: Editora da UNESP, FAPESP, 2024).

¹⁹ Atualmente tenho concentrado minha pesquisa em História dos Animais no levantamento documental e bibliográfico e na reflexão sobre as dimensões teóricas, metodológicas e historiográficas relacionadas a uma proposta de agência animal compartilhada.

²⁰ Barbara King, *Being With Animals: Why We Are Obsessed with the Furry, Scaly, Feathered Creatures Who Populate Our World* (New York: Doubleday, 2010). Regina Horta Duarte aponta também o pioneirismo da Antropologia brasileira na abordagem dos animais não humanos em suas pesquisas. Regina Horta Duarte, “História Dos Animais no Brasil: Tradições Culturais, Historiografia e transformação”, (2019), pp. 33-4.

²¹ Barbara J. King, *The information continuum: evolution of social information transfer in monkeys, apes, and hominids*, (Santa Fe: SAR Press, 1994).

estudos. Os burros, os cães, os hipopótamos, os ratos, as aranhas ou os canários, seres inquietos da inquieta obra machadiana, não são apenas seres agentes e seres que compartilham agências com os seres humanos, são também seres com altas capacidades de raciocínio.²² Em muitas passagens dessa zoologia inquieta criada pelo “Bruxo do Cosme Velho”, essas capacidades são de tal forma, crítica e ironicamente ressaltadas, que superam, em inúmeras dimensões, essas mesmas capacidades no ser humano. Aliás, a não capacidade de raciocínio em algumas representações machadianas de seres humanos é um campo de pesquisa a ser investigado. O raciocínio dos animais de Machado de Assis pode ser compreendido, entre inúmeras outras perspectivas, como uma poderosa ferramenta para criticar e problematizar o próprio raciocínio humano sobre ciência. Um exemplo elucidativo dessa cortante crítica machadiana é o capítulo IV, Plus Ultra!, do “Conto Alexandrino”, conto que aborda um dos grandes temas científicos do século XIX, a vivisseção.²³

Submergir no universo zoológico criado por Machado de Assis pode ser uma experiência literária, crítica, histórica e, sem dúvida, científica. Literária porque o escritor utilizou os animais como um recurso poderoso para sua criação artística e, um exemplo a ser citado, é o uso estético de metáforas relacionadas aos animais.²⁴ Experiência crítica e histórica na medida em que o autor de *Quincas Borba* encontrou nos animais, ou especificamente nas intrincadas relações que os seres humanos estabeleceram com eles, caminhos singulares para refletir profundamente sobre o mundo do qual ele próprio fazia parte; sobre a própria condição humana; sobre a condição animal. Para isso, o escritor circulou, como poucos, por vários campos do conhecimento, entre eles, pelas polêmicas discussões sobre ciência desenvolvidas no período tanto no Brasil, quanto em outras partes do mundo. Essas discussões sobre as relações entre animais e ciência fizeram parte da complexa intertextualidade machadiana.²⁵ Machado de Assis dialogou com essas conexões científicas entre o Brasil e o exterior. Pensando na profundidade e importância da capacidade crítica

²² Seres inquietos é uma qualificação inspirada em Felipe Ferreira Vander Velden, *Inquietas Companhias: Sobre os Animais de Criação Entre os Karitiana*, (São Paulo: Alameda Editorial, 2012).

²³ Machado de Assis, Conto Alexandrino. In: Idem. *Obra Completa em 4 volumes*, Volume II, p. 386-97.

²⁴ São setecentas páginas reunindo todos os fragmentos de textos criados nessa perspectiva. No relatório de pós-doutorado “Ideias de cachorro, poeira de ideias” e outras percepções”, dediquei o capítulo “Metáforas animais” para discutir essa questão.

²⁵ Os textos e os fragmentos de Machado de Assis sobre as relações entre animais e ciência, juntos somam por volta de duzentas páginas. No relatório de pós-doutorado também desenvolvi um capítulo sobre o tema: “Causa secreta” e outras causas”.

machadiana para discutir essas questões, Roberto Schwarz, a partir de um único registro literário, e não do conjunto da obra, sugeriu que:

A presença abundante de teorias científicas e filosóficas nas *Memórias* [Póstumas de Brás Cubas] refletia um assunto de atualidade. Conforme a expressão pitoresca de Sylvio Romero, os anos 70 do século passado [XIX] haviam visto chegar ao país ‘um bando de ideias novas’. Positivismo, Naturalismo e diversas formas de Evolucionismo disputavam a praça com outras escolas. A sua terminologia, tão prestigiosamente moderna quanto estranha à vida corrente, anunciava rupturas radicais; prometia substituir o mecanismo atrasado da patronagem oligárquica por espécies novas de autoridade, fundadas na ciência e no mérito intelectual. Era natural que os entusiastas transformassem o espírito científico em panaceia e no contrário dele mesmo. Já Machado percebeu as ironias latentes na situação e tratou de explorá-las sistematicamente. Onde os deslumbrados enxergavam a redenção, ele tomava recuo e anotava a existência de um problema específico.²⁶

Não há dúvida que um dos problemas científicos “anotado” e frequentemente explorado por Machado de Assis em sua obra é a inegável capacidade de raciocínio dos animais não humanos. Dentro desse universo de problemas científicos, campos do conhecimento, como a centenária discussão sobre o Pampsiquismo, teoria que vem sendo discutida desde os pré-Socráticos e que defende que a mente está presente em todas as coisas existentes, vivas e não vivas – animais, plantas, minerais, etc. – são linhas de investigação que, embora não exploradas neste artigo, mostram-se bastante promissoras para pensar os animais representados por Machado de Assis em sua literatura. Nos textos e fragmentos literários apresentados neste artigo a capacidade de raciocínio dos animais machadianos, assim como elementos para uma possível discussão acerca do Pampsiquismo, podem ser vislumbradas, analisadas e ressaltadas em contos como, por exemplo, “Ideias de Canário” ou romances como *Quincas Borba*.²⁷

Interpretar e compreender os registros de Machado de Assis sobre os animais, levando em consideração as perspectivas teóricas esboçadas acima, pode ser revelador. Vários desses registros foram produzidos pelo escritor no auge das discussões e descobertas nos campos da Biologia, da Antropologia e, particularmente, dos estudos sobre comportamento animal. Mas, muitos deles foram criados anteriormente ou

²⁶ Roberto Schwarz, *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, 4ª ed., (São Paulo: Duas Cidades, 2000), p. 151-2.

²⁷ Sobre o Pampsiquismo cf., entre outros, David Skrbina, *Panpsychism in the West, revised edition*, (Cambridge: MIT Press, 2017).

posteriormente a essas discussões. Os escritos de Machado sobre animais demonstram tanto a singularidade de suas capacidades especulativas sobre diversos ramos da ciência, quanto seus sofisticados conhecimentos sobre muitos temas do mundo científico. Essas habilidades foram desenvolvidas e fundamentadas em uma eclética e profusa prática de leitura que reunia jornais e revistas (nacionais e internacionais) e uma vasta bibliografia. Textos como esses possibilitam a abertura de caminhos para dialogar, ao mesmo tempo, seja com a ciência, seja com a História dos Animais, seja, enfim, com a história da agência animal, tema principal discutido neste artigo.²⁸

CONVERSAS, ESCUTAS E REFLEXÕES EM BUSCA DE UMA AGÊNCIA ANIMAL COMPARTILHADA

“Tão certo é que a paisagem depende do ponto de vista, e que o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão”. Essa frase, espécie de máxima escrita por Machado de Assis em 1891, ilumina e problematiza grande parte dos textos do escritor sobre animais. A força da mensagem torna-se mais evidente quando se leva em consideração que o escritor a incluiu no romance *Quincas Borba*, provavelmente um dos mais importantes registros literários para a reflexão sobre história e agência animal.²⁹ O romance coloca em discussão prementes questões do final do século XIX, com destaque para o processo de emancipação dos escravizados, o fim do Império, a Proclamação da República e os impactos e desafios da Segunda Revolução Industrial, por meio, muitas vezes, de reflexões sobre a condição e os dilemas dos animais humanos e não-humanos. O nome *Quincas Borba*, nessa obra magistral, denomina dois personagens: o filósofo e seu cão de estimação. Nos primeiros capítulos do romance, o filósofo morre e, em seu testamento, decide quem seria seu herdeiro e sob quais condições:

Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal do testador. [...]. Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo o seu pobre cachorro Quincas Borba, nome que lhe deu por motivo da grande afeição que lhe tinha. Exigia do dito Rubião que o tratasse como se fosse a ele próprio testador, nada poupando em seu benefício, resguardando-o de moléstias, de fugas, de roubo ou de morte

²⁸ Agradeço aos(as) revisores(as) da revista *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña* (HALAC) pelos comentários e pelas oportunas sugestões expressas em seus pareceres. A menção ao caráter especulativo dos textos de Machado de Assis sobre animais e suas relações com ciência foi pertinentemente enfatizada por um(a) dos(as) revisores(as) do artigo. A ele(a) agradeço. Sou grato ainda pela recordação das discussões sobre a capacidade de raciocínio nos animais não humanos e sobre o Pampsiquismo.

²⁹ Machado de Assis, *Quincas Borba*. In: Idem. *Obra Completa em 4 volumes*, Volume I, p. 775.

que lhe quisessem dar por maldade; cuidar finalmente como se cão não fosse, mas pessoa humana.³⁰

No desenvolver da trama, em cujo foco narrativo preponderam as relações entre seres humanos – de um lado o abastado Rubião e, de outro, um séquito de indivíduos perversos encabeçado por Cristiano Palha e sua esposa Sofia – a presença de Quincas Borba, o cão, é ubíqua e, ao mesmo tempo, permanece em *standby*. Permeando as entrelinhas, ou de quando em quando entrando em cena, o cão, tanto para Rubião quanto para os leitores de Machado de Assis, ora lembra o filósofo Quincas Borba, ora aponta para a cláusula condicional do testamento, ora escarnece da condição humana, ora sutilmente assinala para a agência animal. Logo que Rubião chega ao Rio de Janeiro, vindo de Barbacena, encontra o “amigo” Palha, que conheceu na viagem de trem:

la cumprimentá-lo, ver se estava bem ali, ou se preferia a casa dele, que ficava no alto. Rubião não aceitou a casa, mas aceitou o advogado, um contraparente do Palha, que este lhe indicou, como um dos primeiros, apesar de muito moço.

– É aproveitá-lo, enquanto ele não exige que lhe paguem a fama.

Rubião fê-lo almoçar, e acompanhou-o ao escritório do advogado, apesar dos protestos do cão, que queria ir também. Tudo se ajustou.³¹

Nessa cena, o cão talvez “farejando” a primeira grande armadilha pecuniária na qual o novo amigo Rubião ia cair, vendo-se deixado de lado, protesta e quer acompanhá-los. O verbo escolhido pelo escritor, protestar, é uma forma de expressar agência. Protestar pode ter o sentido de reclamação ou revolta, mas se refere também ao termo jurídico da palavra. A frase “Tudo se ajustou”, numa espécie de acordo entre as partes, remete a essa última situação. O protesto do cão, que não sabemos se foi atendido e se foi por meio de latidos ou outras formas de comunicação, colocou-o numa posição de agente na situação.

Em uma das passagens do romance de maior empatia para com os animais, o escritor narra de que forma Rubião “cumpria” as condições do testamento, sempre

³⁰ Machado de Assis, Quincas Borba, p. 772.

³¹ Machado de Assis, Quincas Borba, p. 779.

atemorizado por perder a fortuna. Certa feita, por exemplo, ao sair para o jardim da casa, Rubião abre a porta do local destinado a Quincas Borba e “exclama” seu nome:

O cão atirou-se fora. Que alegria! que entusiasmo! que saltos em volta do amo! chega a lambe-lhe a mão de contente, mas Rubião dá-lhe um tabefe, que lhe dói; ele recua um pouco, triste, com a cauda entre as pernas; depois o senhor dá um estalinho com os dedos, e ei-lo que volta novamente com a mesma alegria. [...] Quincas Borba vai atrás dele pelo jardim fora, contorna a casa, ora andando, ora aos saltos. Saboreia a liberdade, mas não perde o amo de vista.”³²

Algumas vezes Rubião permitia que Quincas Borba entrasse na casa, mas se chegassem “visitas de alguma cerimônia”, imediatamente o “criado espanhol”, que não gostava “nada” do cão, era chamado para retirá-lo. Sempre oferecendo resistência, “o espanhol toma-o a princípio com muita delicadeza, mas vinga-se daí a pouco, arrastando-o por uma orelha ou por uma perna, atira-o ao longe, e fecha-lhe todas as comunicações com a casa: – *Perro del infierno!*” A partir desse momento tem início uma das mais profundas e emblemáticas interpretações humanas sobre possíveis sentimentos e impressões experimentadas por outras espécies animais:

Machucado, separado do amigo, Quincas Borba vai então deitar-se a um canto, e fica ali muito tempo, calado; agita-se um pouco, até que acha posição definitiva, e cerra os olhos. Não dorme, recolhe as ideias, combina, relembra; a figura vaga do finado amigo passa-lhe acaso ao longe, muito ao longe, aos pedaços, depois mistura-se à do amigo atual, e parecem ambas uma só pessoa; depois outras ideias... Mas já são muitas ideias, – são ideias demais; em todo caso são ideias de cachorro, poeira de ideias, – menos ainda que poeira, explicará o leitor. Mas a verdade é que este olho que se abre de quando em quando para fixar o espaço, tão expressivamente, parece traduzir alguma coisa, que brilha lá dentro, lá muito ao fundo de outra coisa que não sei como diga, para exprimir uma parte canina, que não é a cauda nem as orelhas. Pobre língua humana!³³

Em diversos textos como esse Machado de Assis aponta os limites da condição humana, inclusive para traduzir ou interpretar os sentimentos e pensamentos das outras espécies, ao mesmo tempo que discute os maus-tratos e as primeiras iniciativas

³² Machado de Assis, Quincas Borba, pp.780-1.

³³ Machado de Assis, Quincas Borba, pp.780-1.

de proteção aos animais no Brasil e no mundo.³⁴ Por meio desses registros, o escritor “conversa” com animais, “escuta” suas “conversas” ou “reflete” sobre suas “reflexões”, pedidos, protestos.

Em uma das primeiras crônicas da série “A Semana”, de outubro de 1892, Machado escreveu: “Não tendo assistido à inauguração dos bondes elétricos, deixei de falar neles. [...] Anteontem, porém, indo pela Praia da Lapa, em um bonde comum, encontrei um dos elétricos, que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar.”³⁵ Com essas indagações inicia um complexo registro sobre o advento dos bondes elétricos no Brasil, um dos grandes símbolos da modernidade. Embora seus leitores, contemporâneos e atuais, esperem comentários sobre a grande inauguração, ao invés disso o autor nos conduz a pensar nos impactos dessas novas tecnologias sobre as formas de vida: “Para não mentir, direi o que me impressionou, antes da eletricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bonde, com um grande ar de superioridade. [...] Sentia-se nele a convicção de que inventara, não só o bonde elétrico, mas a própria eletricidade.”

O tema da tecnologia acompanhou Machado de Assis ao longo de sua carreira.³⁶ Muitas vezes, mesclado ao mundo urbano dos animais, os registros sobre essa temática são carregados de sutil crítica sociocultural, político-econômica e sobre os maus-tratos animais. Esses registros, como sempre, são nuançados por refinada ironia, características essas evidenciadas pela agência animal. Contudo, alguns desses escritos apontam ainda para uma perspectiva mais ampla de agência, aquela que incorpora as máquinas e seus movimentos. Nessa mesma crônica, Machado escreveu:

Em seguida, admirei a marcha serena do bonde, deslizando como os barcos dos poetas, ao sopro da brisa invisível e amiga. Mas, como íamos em sentido contrário, não tardou que nos perdêssemos de vista, dobrando ele para o Largo da Lapa e Rua do Passeio, e entrando eu na Rua do Catete. Nem por isso o perdi de memória. A gente do meu bonde ia saindo aqui e ali, outra gente entrava adiante e eu pensava no bonde elétrico. Assim fomos seguindo; até que, perto

³⁴ Sobre a história das sociedades protetoras dos animais em São Paulo, cf.: Natascha Stefania Carvalho de Ostos, “União Internacional Protetora dos Animais de São Paulo: práticas, discursos e representações de uma entidade nas primeiras décadas do século XX”, *Revista Brasileira de História*, v. 37, (2017): 1-22. Nelson Aprobato Filho, “O couro e o aço”, (2007), p. 137-147.

³⁵ Machado de Assis, *A Semana*. In: Idem. *Obras Completas em 4 volumes*. Volume IV, p. 926.

³⁶ São, também, inúmeros os textos nos quais Machado de Assis discutiu as relações entre o mundo das técnicas, os seres humanos e os outros animais. Sobre o tema desenvolvi o capítulo “Burros, cavalos e outras tecnologias” no relatório de pós-doutorado citado anteriormente.

do fim da linha e já noite, éramos só três pessoas, o condutor, o cocheiro e eu. Os dois cochilavam, eu pensava.

Os bondes elétricos, a eletricidade, assim como todas as técnicas marcam, para sempre, as relações humanos-humanos, humano-outros animais e humanos-outros animais-máquinas. A segunda parte da crônica reflete metaforicamente sobre a realidade enfrentada por pessoas recém-saídas da escravidão e por uma grande parcela empobrecida da população brasileira. Contudo, as metáforas animais no escritor frequentemente guardam outras realidades. Assim que o bonde elétrico desaparece rumo a outra região da cidade, permanecem no bonde tracionado por burros o cronista, que está alerta e que continua pensando na “marcha serena do bonde [elétrico], deslizando como os barcos dos poetas, ao sopro da brisa invisível e amiga”, o condutor e o cocheiro, que “cochilavam”. Uma possível agência da máquina pode também ser rastreada na forma como o cronista comunica-se visualmente com o bonde elétrico: “Mas, como íamos em sentido contrário, não tardou que nos *perdêssemos de vista, dobrando ele para o Largo da Lapa e Rua do Passeio, e entrando eu na Rua do Catete. Nem por isso o perdi de memória*”.³⁷ Quase no final da linha, o cronista é subitamente arrancado de seus pensamentos sobre o bonde elétrico: “De repente ouvi vozes estranhas, pareceu-me que eram os burros que conversavam, inclinei-me (ia no banco da frente); eram eles mesmos. Como eu conheço um pouco a língua dos *Houyhnhnms*, pelo que dela conta o famoso Gulliver, não me foi difícil apanhar o diálogo.” Subitamente, os pensamentos do cronista sobre a agência do bonde elétrico, são rompidas pela agência animal.³⁸ Trata-se de um longo diálogo, com nuances de esperança e ceticismo, com referências aos castigos físicos e a escassez de alimentação, no qual os burros discutem o que aconteceria com eles a partir do momento em que os bondes elétricos substituíssem todos aqueles tracionados por animais.

³⁷ O grifo é nosso.

³⁸ Para uma visão complexa, rigorosamente elaborada e que, partindo do fim da Idade Média, analisa cinco séculos de história referente à agência das coisas (maquinismos), a agência da natureza e suas relações com a História da Ciência e da Tecnologia, cf.: Jessica Riskin, *The restless clock: A history of the centuries-long argument over what makes living things tick*, (Chicago: University of Chicago Press, 2016). Agradeço aos(as) revisores(as) do artigo a sugestão da leitura dessa obra. As análises propostas pela autora fornecem caminhos promissores para pensar textos como, por exemplo, o de Machado de Assis sobre “a marcha serena do bonde” ou de memorialistas e outros escritores que refletiram sobre os impactos, por exemplo, dos primeiros automóveis e aviões vistos em cidades como São Paulo. Em suas recordações, os moradores da cidade e os próprios memorialistas admiravam-se ao observar carros que se movimentavam “sem cavalos ou burros”.

– O bonde elétrico apenas nos fará mudar de senhor. [...] Quando tudo andar por arames, não somos já precisos, vendem-nos. Passamos naturalmente às carroças. [...] onde a nossa vida será um pouco melhor; não que nos falte pancada, mas o dono de um só burro sabe mais o que ele lhe custou. Um dia, a velhice, a lazeira, qualquer coisa que nos torne incapaz, restituir-nos-á a liberdade...

– Enfim!

– Ficaremos soltos, na rua, por pouco tempo, [...] Enfraqueceremos; a idade ou a lazeira ir-nos-á matando, [...]. Então teremos a liberdade de apodrecer. Ao fim de três, a vizinhança começa a notar que o burro cheira mal; conversação e queixumes. [...] No quinto dia sai a reclamação impressa. No sexto dia, aparece um agente, verifica a exatidão da notícia; no sétimo, chega uma carroça, puxada por outro burro, e leva o cadáver. Seguiu-se uma pausa. [...] O freio cortou a frase ao burro, porque o cocheiro encurtou as rédeas, e travou o carro. Tínhamos chegado ao ponto terminal. Desci e fui mirar os dois interlocutores. [...] e murmurei baixinho, entre os dois burros:

– *Houyhnhnms!*

Foi um choque elétrico. Ambos deram um estremeção, levantaram as patas e perguntaram-me cheios de entusiasmo:

– Que homem és tu, que sabes a nossa língua?³⁹

Não são os burros que aprendem a linguagem humana, mas o oposto. Essa inversão contribui para pensar os princípios de uma agência animal compartilhada no escritor. Um ano e meio depois da publicação desta crônica, em 8 de abril de 1894 o cronista presencia e documenta o acerto das previsões que ouvira da conversa dos burros do bonde. Caminhando pelas ruas do Rio de Janeiro encontra próximo ao jardim da Praça Quinze de Novembro e dos trilhos dos bondes, um burro deitado. Como o “lugar não era próprio para remanso de burros, donde concluí que não estaria deitado, mas caído. Instantes depois, vimos [...] o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pele, os olhos meio mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mas tão frouxamente, que parecia estar próximo do fim.” Na parte principal da crônica, o burro abandonado fazia um “exame de consciência” que foi compreendido pelo cronista: “Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, más ideias íntimas de criatura que não podia exprimi-las verbalmente. E diria o burro

³⁹ Machado de Assis, *A Semana*, pp. 926-8.

consigo: [...]”. Consigo, o burro elencou todos os males que não praticou na vida e todos os atos de bondade que exerceu. Em seus pensamentos há um momento específico que pode contribuir para a análise da agência animal no período:

Por mais que vasculhe a consciência, não acho pecado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não caluniei, não ofendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei três coices, foi o mais, isso mesmo antes de haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quanto ao zurro, usei dele como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com ideia de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tálburi ao bonde, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando a autoridade.

Passando a ordem mais elevada de ações, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz pública. Além de ser a minha índole contrária a arruaças, a própria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarando os direitos do burro, tais direitos não existem. Nenhum golpe de Estado foi dado em favor dele; nenhuma coroa os obrigou. Monarquia, democracia, oligarquia, nenhuma forma de governo, teve em conta os interesses da minha espécie. Qualquer que seja o regímen, ronca o pau. O pau é a minha instituição [...].⁴⁰

Mais do que criticar de forma direta a banalização e o absurdo da situação – o abandono frequente de animais – Machado de Assis opta por fazer com que os seus leitores pensem nessa situação por meio dos pensamentos do animal que ele interpretou, numa proposta de compartilhamento da agência animal. Nesses pensamentos o escritor aponta três aspectos que foram frequentes em suas relações literárias com essas criaturas: os constantes maus-tratos, a inoperância dos poderes públicos e a falácia das sociedades protetoras de animais no Rio de Janeiro do final do século XIX. Nesse período, Machado produziu diversas crônicas sobre a existência, a importância e atuação dessas instituições. Jornais da época, lidos pelo escritor, publicaram uma série de reportagens sobre a formação de uma dessas sociedades e, principalmente, sobre as cerimônias para empossar novos e ilustres sócios brasileiros e europeus. Em uma crônica escrita para a série “Gazeta de Holanda” em novembro de 1886, o cronista declara que, para escrever sobre a sociedade protetora, encontrou nos

⁴⁰ Machado de Assis, *A Semana*, pp. 1061-3.

jornais “ofícios, notas e datas” e “quatrocentas atas de reuniões semanais”. Contudo, sobre a questão que mais lhe interessava, que era saber sobre as “ações praticadas/em favor da bicharia/e das vitórias ganhadas/nada disso conhecia”. Decepcionado por não encontrar nenhuma informação, resolve entrevistar um burro magro e “cativo como um nagô”, que respondeu:

[...] – Em frases toscas
Mas verdadeiras, direi,
Enquanto sacudo as moscas,
Tudo o que sobre isto sei.

Juro-te que a sociedade,
Contra os nossos sofrimentos,
Tem obras de caridade,
Tem leis, tem regulamentos.

Tem um asilo, obra sua,
Belo, forte, amplo e capaz;
Já se não morre na rua,
Dá-se ali velhice e paz. [...]

Mora ali a vaca fria.
E mais a cabra Amaltéia,
Única e só companhia
Do pobre leão de Neméia.

O burro segue enumerando os “animais” que recebiam proteção: os “bichos caretas”, a “besta do Apocalipse”, “o cisne de Leda”, “um bode Expiatório”, “o cavalo de Tróia”, o “boi Ápis”, etc. O único animal real da série que não estava no abrigo e não tinha proteção, era o burro entrevistado.⁴¹

O último texto de Machado de Assis sobre sociedades protetoras de animais foi publicado em 10 de junho de 1894. Nessa crônica, ao contrário da anterior, é o burro quem procura o cronista. Este, numa manhã, ao ir para o jardim de sua casa, entre suas rosas encontra um burro, “era um burro de carne e osso, de mais osso que carne”. Ao

⁴¹ Machado de Assis, *Gazeta de Holanda*. In: Idem. *Obra Completa em 4 volumes*, Volume IV, pp. 675-8.

perguntar-lhe o nome, inicia-se um diálogo no qual o burro pede ao cronista que, por meio de um artigo nos jornais, interceda por ele “e por uma classe inteira, que devia merecer alguma compaixão...”. O conteúdo do artigo, sugerido pelo burro, deveria ser inspirado em outro artigo publicado em um número recente do periódico radical londrino *Truth*. O burro machadiano tinha a habilidade da fala e da leitura em Inglês e Português. Segundo ele, o *Truth* “publica sempre em duas colunas, notícia comparativa das sentenças dadas pelos tribunais londrinos, com o fim de mostrar que os pobres e desamparados têm mais duras penas que os que o não são, e por atos de menor monta”. Continua sua narrativa citando vários exemplos como: “Eliott, acusado de maltratar dezesseis bezerros, cinco libras de multa e custas. Mary Ellen Connor, acusada de vagabundagem, um mês de prisão”. Em todas as situações os menores delitos são punidos com semanas de prisão, enquanto severos maus-tratos contra animais são revertidos em pequenas quantias pecuniárias. Partindo dessas comparações, desacreditando das instituições públicas e das sociedades protetoras existentes no Brasil, o burro formula seu pedido:

– Ah! meu nobre amigo! [...] condenem a cinquenta ou cem mil réis aqueles que nos maltratam por qualquer modo, ou não nos dando comida suficiente, ou, ao contrário, dando-nos excessiva pancada. [...] Não exijo cadeia para os nossos opressores, mas uma pequena multa e custas, creio que serão eficazes. O burro ama só a pele; o homem ama a pele e a bolsa. Dê-se-lhe na bolsa; talvez a nossa pele padeça menos.

– Farei o que puder; mas...

– Mas quê? O senhor afinal é da espécie humana, há de defender os seus. Eia, fale aos amigos da imprensa; ponha-se à frente de um grande movimento popular. [...] Não nos abandone, como no tempo em que os burros eram parceiros dos escravos. Faça o nosso *treze de Maio*. Lincoln dos teus maiores, segundo o evangelho de Darwin, expede a proclamação da nossa liberdade!⁴²

“IDEIAS DE CANÁRIO”, PARA LIBERTAR, PARA FINALIZAR

No Brasil, alguns escritos de Machado de Assis abrem caminhos para refletir sobre agência, proteção, maus-tratos e libertação animal. Esses escritos têm a potencialidade analítico-interpretativa que possibilitam o estabelecimento de diálogos

⁴² Machado de Assis, *A Semana*, In: Idem. *Obras Completas em 4 volumes*, Volume IV, pp. 1075-8.

na perspectiva das múltiplas temporalidades.⁴³ Nesse sentido, muitos dos textos machadianos sobre os animais não humanos travam um diálogo crítico e ao mesmo tempo sofisticadamente irônico com as temáticas que lhe eram contemporâneas que envolviam esses animais como, por exemplo, os maus-tratos. Sobre outras temáticas, tais como as sociedades protetoras dos animais, suas reflexões remetem tanto ao período no qual escreveu, quanto às origens dessas instituições. Quando menciona essas sociedades, por exemplo, entre outras conexões que talvez tivesse em mente, o escritor estava possivelmente se referindo ao movimento internacional iniciado na Inglaterra em 1824 com a fundação da *Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals* e que, desde então, vinha tendo vários desdobramentos em países da Europa e nos Estados Unidos.⁴⁴ Ele chamava a atenção sobre consolidadas e respeitadas ações internacionais para refletir, de maneira perturbadora, sobre a claudicante realidade existente no Brasil e mais particularmente no Rio de Janeiro. Como falar em proteção animal, para citar apenas um exemplo dessa problemática e contexto, em um país ainda rigidamente alicerçado na escravidão? Como no caso dos estudos sobre comportamento animal, Machado discutiu a questão da libertação, dos seres humanos e dos outros animais, numa espécie de antecipação mais de cem anos antes do filósofo Peter Singer lançar seu clássico livro e de importantes discussões sobre esses temas entrarem na pauta contemporânea.⁴⁵

Numa outra perspectiva que também remete a uma vertente da agência animal, em diversos registros Machado de Assis dialoga com tradições literárias que remontam ao século XVIII, como as chamadas “autobiografias animais”.⁴⁶ Mesmo não tendo o escritor dedicado obras específicas ao gênero, em determinadas passagens de seus

⁴³ Sobre as possibilidades de interpretação e análise histórica que levam em consideração as múltiplas temporalidades de um período e contexto histórico, a questão da contemporaneidade do não-contemporâneo, cf. Reinhart Koselleck, *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Trad. Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira, (Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006).

⁴⁴ Sobre a história das sociedades protetoras dos animais na Inglaterra, cf., entre outros: Harriet Ritvo, *The animal estate: the English and other creatures in the Victorian Age* (Cambridge: Harvard University Press, 1987). Sobre os Estados Unidos, cf. Diane L. Beers, *For the prevention of cruelty: the history and legacy of animal rights activism in the United States*, (Ohio: Swallow Press; Ohio University Press, 2006).

⁴⁵ Peter Singer, *Animal Liberation*, (New York: HarperCollins Publishers, 2009). (1ª edição 1975) Sobre agência animal, entre outros Cf.: Ewa Domanska, *A História para além do humano*, trad. Taynna Marino, Hugo Merlo (Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Press, 2024). Philip Howell, *Animals, agency, and history*, In: Hilda Kean, Philip Howell (Eds.), *The Routledge Companion to Animal-Human History*. (New York, N.Y.: Routledge, 2018). Bernice Bovenkerk; Jozef Keulartz (Eds.), *Animals in Our Midst: The Challenges of Co-existing with Animals in the Anthropocene*, (New York: Springer Cham, 2021). Na década de 1860 Machado de Assis publicou várias crônicas sobre a questão animal. Entre outros textos, Cf.: Machado de Assis, *Miscelânea*; *Ao Acaso*, In: Idem. *Obra Completa em 4 volumes*, Volume IV, pp. 1043-4 e 152-3, respectivamente.

⁴⁶ Entre outras obras do gênero, Cf.: Dorothy Kilner, *The life and perambulations of a mouse*, (Philadelphia: George S. Appleton, 1846), Margaret Marshall Saunders, *Beautiful Joe: an autobiography*, (Philadelphia: C. H. Banes, 1893); Anna Sewell, *Black beauty*, (New York: Doubleday, Page & Company, 1922); Charlotte Maria Tucker, *The rambles of a rat*, (Edinburg: T. Nelson & Sons, 1864).

escritos traços autobiográficos animais são destacados como, por exemplo, naquelas citadas anteriormente nas quais o cão Quincas Borba relembra fragmentos de sua vida passada ou do burro agonizante que faz um derradeiro exame de consciência. Contudo, o aspecto mais importante dessa aproximação é o fato de que essas autobiografias animais contribuem para as reflexões acerca de uma agência animal compartilhada.⁴⁷

No ano da Proclamação da República e poucos meses após a abolição da escravatura, Machado publicou, em 1889, o conto “Ideias de Canário”. A narrativa apresenta as conversas entre Macedo, “dado a estudos de ornitologia”, e um canário, que havia sido comprado por ele em uma “loja de belchior”. Três momentos e três locais pautam as transformações nas percepções do canário: no momento em que estava exposto para venda numa loja de produtos usados; enquanto foi objeto de estudo numa varanda com vista para um jardim; ao se ver livre, após fugir, num galho de árvore em uma grande e luxuosa chácara. A questão da liberdade é o principal fundamento no qual se baseiam os princípios da agência animal machadiana.

Como mencionado anteriormente, grande parte dos textos de Machado de Assis sobre animais não humanos foram escritos no contexto da escravidão e, particularmente, do abolicionismo. Um dos fatores mais polêmicos e controversos em torno da vida e da obra do escritor diz respeito a um suposto desinteresse que ele nutria sobre a situação da população escravizada. As investigações sobre o tema, entretanto, têm trazido importantes descobertas que demonstram a sensibilidade do autor para o tema.⁴⁸ Quando se lê a obra completa de Machado, atentando a cada detalhe, a cada fragmento, linha ou palavra, a cada pensamento ou alusão, percebe-se que o mundo literário criado pelo autor de “Pai contra mãe” é repleto de menções à escravidão, aos escravizados, ao movimento abolicionista. Em muitos de seus textos sobre animais, Machado de Assis relacionou questões que tratavam tanto das contingências da escravidão, quanto daquelas relativas à condição animal. Por outro lado, muitos desses textos participavam do acalorado debate nacional sobre abolicionismo. Analisando

⁴⁷ Agradeço também aqui às sugestões sobre autobiografias animais e sobre abolicionismo feitas pelos(as) revisor(as) do artigo.

⁴⁸ Entre outros, cf.: Sidney Chalhoub, *Machado de Assis, historiador*, (São Paulo: Companhia das Letras, 2003). Eduardo de Assis Duarte (Organização, ensaio e notas), *Machado de Assis afrodescendente – escritos de caramujo [antologia]*, (Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2009). Mailde Jerônimo Tripoli, *Imagens, máscaras e mitos: o negro na obra de Machado de Assis*, (Campinas: Editora Unicamp, 2006). Para um estudo comparativo sobre abolicionismo no Brasil e nos Estados Unidos, cf.: Celia Maria Marinho de Azevedo, *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*, (São Paulo: Annablume, 2003).

essas referências, pode-se observar que em significativos momentos de sua obra o escritor abordou a questão da escravidão por meio da perspicaz construção literária de metáforas e prosopopeias envolvendo animais.⁴⁹

Um dos possíveis caminhos para analisar esses textos machadianos é a proposta apresentada pelo crítico literário John Gledson ao afirmar que o realismo de Machado era enganoso, dissimulado, fugidio e, muitas vezes oculto nas entrelinhas.⁵⁰ Contudo, pode-se afirmar ainda que esse realismo, além de enganoso, era altamente complexo, por demonstrar que as relações entre seres humanos, escravidão e animais, estão sutil e intrinsecamente imbricadas na tessitura da história sociocultural, político-econômica, científico-tecnológica e ecológico-ambiental do período. Percebe-se, em muitos desses registros, as habilidades de Machado para trabalhar metáforas animais que remetem ao mundo da escravidão. Entretanto, ao se colocar esses registros em diálogo com os domínios da História dos Animais e o contexto do período, aquilo que seria, em uma primeira abordagem, unicamente um recurso de linguagem, uma metáfora animal sobre uma questão social, converte-se ela própria, essa metáfora, em um poderoso testemunho sobre as condições de vida dos animais não humanos no Brasil do Segundo Reinado e do início da República. Em última instância, pode-se afirmar que a complexidade expressa nos textos machadianos sobre as relações entre escravidão, abolicionismo e liberdade dos seres humanos e dos outros animais era, e continua sendo, um convite – muitas vezes envolto em camadas difusas de estranhamento – para pensarmos, todos nós, humanos e não humanos, numa agência animal compartilhada, na história dessas relações e em todos os seus desdobramentos. Enfim, esse grande conjunto de registros machadianos abrem portas inusitadas para pensar e agir sobre diversos aspectos dessa história.

O escritor foi mestre em discutir esses princípios na medida em que compreendia, como poucos, os limites e gradações do que era ser livre, sendo ele um homem negro:

⁴⁹ Na pesquisa de pós-doutorado citada anteriormente, selecionei todas as referências diretas e indiretas sobre escravidão feitas pelo escritor e, em muitas delas, os animais não humanos estão presentes. Esse fichamento tem mais de 340 páginas. No decorrer da investigação, observei que esse material era de tanta complexidade, que também dediquei um capítulo ao tema: “Ideias de Canário” e outras ideias. Entre seres humanos e animais: para uma nova crítica da escravidão”.

⁵⁰ Cf., principalmente, os livros: John Gledson, *Machado de Assis: impostura e realismo – uma reinterpretação de Dom Casmurro*, (São Paulo: Companhia das Letras, 1991); John Gledson, *Machado de Assis: ficção e história*, 2ª ed. rev. e ampliada, (São Paulo: Paz e Terra, 2003).

– Mas, perdão, que pensas deste mundo? Que coisa é o mundo?

– O mundo, redarguiu o canário com certo ar de professor, o mundo é uma loja de belchior, com uma pequena gaiola de taquara, quadrilonga, pendente de um prego; o canário é senhor da gaiola que habita e da loja que o cerca. Fora daí, tudo é ilusão e mentira. [...]

Três semanas depois da entrada do canário em minha casa, pedi-lhe que me repetisse a definição do mundo.

– O mundo, respondeu ele, é um jardim assaz largo com repuxo no meio, flores e arbustos, alguma grama, ar claro e um pouco de azul por cima; o canário, dono do mundo, habita uma gaiola vasta, branca e circular, donde mira o resto. Tudo o mais é ilusão e mentira. [...]

– Viva, Sr. Macedo, por onde tem andado que desapareceu?

Era o canário; estava no galho de uma árvore. [...] Falei ao canário com ternura, pedi-lhe que viesse continuar a conversação, naquele nosso mundo composto de um jardim e repuxo, varanda e gaiola branca e circular...

– Que jardim? que repuxo?

– O mundo, meu querido.

– Que mundo? Tu não perdes os maus costumes de professor. O mundo, concluiu solenemente, é um espaço infinito e azul, com o sol por cima.⁵¹

No Brasil, no campo da História dos Animais, como o hipopótamo de Brás Cubas “já passamos o Éden”, conseguimos iniciar um diálogo com os animais não humanos e, agora, é questão de aprofundar e acelerar a incursão por esse mundo de conhecimento, atuação e agência animal compartilhada, ampliando as possibilidades de compreensão sobre o tema. Mas, para nós, tanto animais humanos quanto historiadores da História dos Animais, permanece uma questão em aberto: em qual direção “já passamos o Éden” e qual o ponto onde estamos? Fiquemos com Brás Cubas, no passado dos passados? Continuemos com Natureza ou Pandora como guardiões da esperança que, entre outras buscas, procura a sobrevivência das espécies na maior das crises ambientais? Ou vislumbremos, pelo conhecimento, possíveis caminhos para uma agência animal compartilhada que inclua todas as formas de vida? Um dia, quem sabe, como o canário

⁵¹ Machado de Assis, Páginas recolhidas. In: Idem. *Obra Completa em 4 volumes*. Volume II, pp. 567-70.

machadiano, talvez possamos “solenemente” dizer que o mundo, com todos os seus agentes vivos, “é um espaço infinito e azul, com o sol por cima”.

REFERÊNCIAS

Aprobato Filho, Nelson. “O couro e o aço: sob a mira do moderno, a “aventura” dos animais pelos “jardins” da Paulicéia, final do século XIX, início do XX”, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Brasil, 2007.

Azevedo, Celia Maria Marinho de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*, São Paulo: Annablume, 2003.

Beers, Diane L. *For the prevention of cruelty: the history and legacy of animal rights activism in the United States*, Ohio: Swallow Press; Ohio University Press, 2006.

Bovenkerk, Bernice; Keulartz, Jozef (Eds.). *Animals in Our Midst: The Challenges of Co-existing with Animals in the Anthropocene*, New York: Springer Cham, 2021.

Cabral, Diogo de Carvalho; Vital, André Vasques. “Las fuentes escritas a luz de la noción de coautoría humano-animal”. In: Pedro Sergio Urquijo Torres; Adi E. Lazos; Karine Lefebvre. (Org.). *Historia ambiental de América Latina: enfoques, procedimientos y cotidianidades*, Morelia: Universidad Nacional Autónoma de México, Centro de Investigaciones en Geografía Ambiental, 2022.

Chalhoub, Sidney. *Machado de Assis, historiador*, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Domanska, Ewa. *A História para além do humano*, trad. Taynna Marino, Hugo Merlo, Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas Press, 2024.

Duarte, Regina Horta. “História Dos Animais no Brasil: Tradições Culturais, Historiografia e transformação”, *Historia Ambiental Latinoamericana Y Caribeña (HALAC) Revista De La Solcha* 9 (2) (2019):16-44.

Duarte, Eduardo de Assis. (Organização, ensaio e notas). *Machado de Assis afrodescendente – escritos de caramujo [antologia]* Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2009.

Duarte, Regina Horta. “Pássaros e cientistas no Brasil: Em busca de proteção, 1894-1938”, *Latin American Research Review*, v. 41, n. 1, (2006), pp. 3-26.

Fernández-Armesto, Felipe. *Então você pensa que é humano?: uma breve história da humanidade*, Trad. Rosaura Eichenberg, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- Fernández-Armesto, Felipe, *Verdade. Uma história*, Trad. Beatriz Vieira, Rio de Janeiro: Record, 2000.
- Gaddis, John Lewis. *Paisagens da História. Como os historiadores mapeiam o passado*, Trad. Marisa Rocha Motta, Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- Galetti, Mauro. *Um naturalista no antropoceno – um biólogo em busca do selvagem*, São Paulo: Editora da UNESP, FAPESP, 2024.
- Ginzburg, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*, Trad. Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Gledson, John. *Machado de Assis: ficção e história*, 2ª ed. rev. e ampliada, São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- Gledson, John. *Machado de Assis: impostura e realismo – uma reinterpretação de Dom Casmurro*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- Howell, Philip. “Animals, agency, and history”, In: Hilda Kean, Philip Howell (Eds.), *The Routledge Companion to Animal-Human History*, New York, N.Y.: Routledge, 2018.
- Kilner, Dorothy. *The life and perambulations of a mouse*, Philadelphia: George S. Appleton, 1846.
- King, Barbara. *Being With Animals: Why We Are Obsessed with the Furry, Scaly, Feathered Creatures Who Populate Our World*, New York: Doubleday, 2010.
- King, Barbara J. *The information continuum: evolution of social information transfer in monkeys, apes, and hominids*. Santa Fe: SAR Press, 1994.
- Koselleck, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, Trad. Wilma Patrícia Mass e Carlos Almeida Pereira, Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2006.
- Machado de Assis. *Obra Completa em 4 volumes*, Aluisio Leite; Ana Lima Cecilio; Heloisa Jahn (org.) Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- Ostos, Natascha Stefania Carvalho. “União Internacional Protetora dos Animais de São Paulo: práticas, discursos e representações de uma entidade nas primeiras décadas do século XX,” *Revista Brasileira de História*, v. 37, (2017): 1-22.
- Riskin, Jessica. *The restless clock: A history of the centuries-long argument over what makes living things tick*, Chicago: University of Chicago Press, 2016.
- Ritvo, Harriet. *The animal estate: the English and other creatures in the Victorian Age*, Cambridge: Harvard University Press, 1987.
- Ritvo, Harriet. “Chapter Epilogue”. In: Hilda Kean, Philip Howell (Eds.). *The Routledge Companion to Animal-Human History*, New York, N.Y.: Routledge, 2018.

Saunders, Margaret Marshall. *Beautiful Joe: an autobiography*, Philadelphia: C. H. Banes, 1893.

Schwarz, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, 4ª ed., São Paulo: Duas Cidades, 2000.

Sewell, Anna. *Black beauty*, New York: Doubleday, Page & Company, 1922.

Singer, Peter. *Animal Liberation*, New York: HarperCollins Publishers, 2009.

Skrbina, David. *Panpsychism in the West, revised edition*, Cambridge: MIT Press, 2017.

Trípoli, Mailde Jerônimo. *Imagens, máscaras e mitos: o negro na obra de Machado de Assis*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

Tucker, Charlotte Maria. *The rambles of a rat*, Edinburg: T. Nelson & Sons, 1864.

Velden, Felipe Ferreira Vander. *Inquietas Companhias: Sobre os Animais de Criação Entre os Karitiana*, São Paulo: Alameda Editorial, 2012.

Waal, Frans de. *The age of empathy. Nature's lesson for a kinder society*, New York: Harmony Books, 2009.

Waal, Frans de, *Our Inner Ape. A Leading Primatologist Explains Why We Are Who We Are*, New York: Riverhead Books, 2005.

Wilson, Edward O. *The Creation. An Appeal to Save Life on Earth*, New York; London: W. W. Norton & Company, 2006.

“ – We’ve Already Passed Eden”: Machado de Assis and the Opening of Paths Toward a Shared Animal Agency in Brazil

ABSTRACT

The Brazilian writer Machado de Assis (1839-1908) dedicated part of his complex work to discussing the relationships between human beings and other animals. Many of these discussions are related, in a deeply critical way, to the main sociocultural, political-economic, scientific-technological and ecological-environmental movements of the period. Through literary writing, he developed important reflections on the limits and contingencies of the human and animal condition, opening paths to explore the complex field of Animal History in Brazil. Among hundreds of Machado’s writings on animals (novels and chapters, short stories and scenes from plays, poems and newspaper chronicles), this article seeks to highlight the writings in which the author addressed animal agency, the subjectivities and idiosyncrasies of these beings. This article also aims to discuss how these texts point to and are part of the discussions on animal protection in Brazil in the last decades of the 19th century. Animals in Machado de Assis are more than just metaphors. On several occasions, they are the protagonists and agents of the history, of their own histories that are shared with the writer’s history and with the histories of his readers.

Keywords: animal history; animal agency, animal protection, Machado de Assis.

Recibido: 07/06/2024
Aprovado: 14/09/2024